

O LETRAMENTO DIGITAL A PARTIR DE UM CONTEXTO LOCAL

Laercio Rodolfo GUCZAK*

ABSTRACT: In this paper I intend to discuss the relationship between digital literacies and education based on partial data from a qualitative research being developed at the Programa de Mestrado em Educação (PPGE/ME) of the Universidade Regional de Blumenau (FURB). In this research I try to comprehend what senses high school students, in a public school, construct to the digital literacy practices. I describe events and analyze digital literacies practices at school and echoes in others spheres. The theoretical study is based mainly on Street (2003), Kleiman (1995), Coscarelli (2007), Buzato (2006) and Bakhtin (1997; 2006). Initially the data, generated from individual interviews, suggests that the digital world integrates the students' life with society and would be very difficult to live without it. Students demonstrate construct an empirical knowledge of the digital world and technologies and the school appears to exist as a place of interaction between learners to exchange information.

KEYWORDS: Digital literacies; school; mother tongue.

1. Introdução

Os estudos do(s) letramento(s) apresenta(m)-se como um tema desafiador e instigador de pesquisa haja vista sua importância para as práticas sociais de leitura e escrita vivenciadas na sociedade do século XXI. Nesse sentido estudar a linguagem proporciona ao pesquisador novas descobertas e discussões uma vez que se busca, para a educação, meios de integrar a realidade cotidiana ao contexto escolar. Com o presente artigo abre-se mais uma oportunidade de discutir práticas de letramento de um grupo de alunos do ensino médio através da pesquisa interpretativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994); (BAUER e GASKELL, 2002), com a qual se torna possível compreender o uso que esse grupo faz de diversos gêneros discursivos que circulam no seu cotidiano, especialmente no que diz respeito aos gêneros do discurso eletrônico ou gêneros virtuais (MARCUSCHI, 2004).

Dessa forma, inicio uma discussão voltada para uma perspectiva de letramento que aborda não só a escola, mas outras esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1997). Nesse sentido, enfoco Kleiman (1995) e, com as contribuições dos estudos de Street (2003), procuro dar continuidade a estas reflexões. Apresento também a pesquisa de Heath (1992) que relata a observação de eventos de letramentos. Em seguida, discuto o advento dos meios digitais, os quais trouxeram uma maneira distinta de observar a leitura e a escrita, já que, no espaço digital, isso se dá de modo diferenciado do que no papel, pois agora há uma tela e esta não está mais presente somente no computador. Surgem então outros letramentos, por isso apresentarei, nesta seção, os estudos de Coscarelli (2007) e Buzato (2006) para tratar do letramento digital. Por fim, trarei para análise uma entrevista realizada no ensino médio de uma escola da rede estadual de Santa Catarina, como parte da minha pesquisa de mestrado, ainda em desenvolvimento, buscando compreender, nos dizeres do sujeito, os pressupostos teóricos discutidos, como também algumas reflexões sobre a linguagem, levando-se em conta os estudos realizados, até o momento, sob o viés enunciativo do círculo de Bakhtin (1997; 2006).

* Licenciado em Letras pela Universidade Regional de Blumenau – FURB e Mestrando em Educação pela Pós-graduação da FURB.

2. Algumas palavras sobre o letramento

Até pouco tempo atrás, no início de suas atividades escolares, as crianças iam para a escola, sentavam-se em suas cadeiras e aguardavam a professora ou professor tomar o alfabeto, a tabuada ou outras regras que foram solicitadas para serem decoradas. O que essas crianças iriam fazer em casa ou em sua vida futura com o que aprendiam não era uma preocupação para a escola naquele momento. Havia uma determinação por parte da escola e dos professores em transmitir os conteúdos estabelecidos no intuito de se cumprir o programa proposto, na maioria das vezes, pela secretarias de educação, as quais desconheciam, às vezes, o contexto de cada escola. Porém, o movimento de modernização e globalização trouxe uma realidade diferenciada para a educação no sentido de que as pessoas não necessitavam somente dos conhecimentos transmitidos na escola para sua vida diária. Diante disso, surgiram estudos que passaram a apontar e valorizar outros locais onde a troca de informações também era significativa, assim, por volta de 1980, surgiram os estudos do letramento.

Na tentativa de conhecer um pouco mais sobre esse acontecimento, inicio esta seção com algumas reflexões sobre o letramento apoiando-me em Kleiman (1995) a qual menciona que o letramento é um fenômeno que ultrapassa o ensino da leitura e da escrita realizado nas escolas. Segundo as palavras da autora, a escola é “a mais importante das *agências de letramento*” (p. 20. grifos da autora), porém a escola se preocupa mais com um tipo de letramento, ou seja, com o processo de aquisição de códigos, voltando-se assim para a alfabetização. No seu ponto de vista, “outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes”. (p. 20).

A autora ampara-se em Scribner e Cole (1981) e sustenta que o letramento é “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Kleiman (1995) lembra também que o letramento é um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita que circulam em um determinado grupo e que o discurso circulante neste grupo está relacionado ao papel da escrita, o que torna a interação verbal entre esses sujeitos significativa, envolvendo, dessa maneira, atividades de ler ou escrever.

As crianças quando falam sobre os contos de fada, seja na escola ou em casa, relacionam com algo que foi escrito, neste caso, que ouviram a história ser contada por alguém e isto pode ser mencionado como um exemplo de um evento de letramento. (KLEIMAN, 1995).

Com relação ao evento de letramento, Street (2003) afirma que o conceito já foi bastante discutido no meio acadêmico e que ele deriva da ideia sociolinguística dos eventos da fala, podendo ser definido como uma ocasião durante a qual uma pessoa tenta compreender a escrita de outra ou quando há uma interpretação de uma parte da fala ou de uma fala completa durante uma interação entre sujeitos. Para ele, isso é um meio de se concentrar em práticas sociais de leitura e escrita.

Street (2003) também faz referência para o fato de que um evento de letramento é um acontecimento observável, como por exemplo, alguém pegando um táxi para se deslocar pela cidade, a construção de um equipamento por meio de um diagrama por parte de uma pessoa, ou alguém comprando passagens de ônibus, sempre se levando em conta o meio social e o contexto no qual este indivíduo ou grupo de indivíduos está inserido.

Dessa forma, o autor apresenta a seguinte reflexão sobre o letramento:

é uma prática de cunho social, e não simplesmente uma habilidade técnica e neutra; que está sempre incorporada a princípios epistemológicos socialmente construídos [...] Práticas de letramento, então, referem-se a mais ampla concepção cultural de

determinadas formas de pensar e fazer a leitura e a escrita em contextos culturais.¹
(STREET, 2003, p. 77-79. Tradução minha).

Ao mencionar práticas de letramento, Street (2003) afirma que o termo se refere à maneira cultural de pensar, agir, ler e escrever de uma comunidade ou grupo de indivíduos e suas interações com a linguagem. Nessas interações há troca de experiências, conhecimentos e saberes. Então, as ações que envolvem a leitura e a escrita estão inseridas em um meio, em um contexto, que varia em seu espaço/tempo, pois a realidade presente em cada grupo é diferente em seus aspectos culturais. Logo, as práticas sociais também vão diferir nos meios onde elas estão inseridas como a escola, grupo de amigos, trabalho, lazer.

Com o intuito de exemplificar diferentes práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, faço uma breve síntese do trabalho de Heath (1982) que realizou uma pesquisa em três comunidades dos Estados Unidos e observou eventos de letramento. Na primeira comunidade pesquisada, *Maintown*, a autora estudou, com um grupo de estagiários, as práticas culturais dessa comunidade e as práticas escolares presentes naquele contexto. Inicialmente a autora observou na comunidade um trabalho voltado para práticas sociais de leitura e escrita como: decorar o quarto dos filhos com personagens de histórias infantis, verbalização dos conteúdos de livros e dos personagens, comparação do mundo real com personagens dos livros etc. Nesse sentido, as crianças são motivadas a inventar histórias e os adultos pedem para as crianças lerem para eles. Heath (1982) percebeu que com essas práticas de letramento bastante próximas das que são desenvolvidas na escola devido sua observação e pelos cuidados que as crianças devem ter com os livros, depois de adultas, elas têm um grande fascínio pela literatura e desenvolvem os principais hábitos e valores, na visão desse grupo social, devido ao grande estímulo que receberam ao ter contato com os materiais escritos. Na segunda comunidade pesquisada, *Roadville*, quando as crianças vêm do hospital para casa já têm o berço decorado com objetos e outros brinquedos. Os pais incentivam a leitura de seus filhos através de livros infantis que são comprados a todo o momento, como também outros tipos de brinquedos. As crianças são educadas à base de estímulos. Elas são encorajadas a entender o que há nos livros e quando acertam recebem estímulos. Porém não há um encorajamento para relacionar isso ao mundo real. E na terceira comunidade pesquisada, *Trackton*, uma comunidade negra, as crianças vêm do hospital e são inseridas em um mundo adulto. Nem há berços, só cadeiras ou sofá. Os filhos costumam dormir até certa idade com os pais. Não recebem brinquedos o tempo todo, só no Natal. Brincam normalmente com utensílios de casa e começam a falar repetindo o que os adultos falam. Um ponto que pode ser destacado neste momento no relato exposto acima está na diferença nos padrões de interação das práticas de letramento apontada nas três comunidades. Enquanto nas duas primeiras comunidades as práticas sociais de letramento estão voltadas para os materiais escritos, na terceira comunidade o desenvolvimento oral das crianças é estimulado através do diálogo com os adultos, que acreditam que as crianças aprendem por meio da exposição oral à língua.

O relato exposto acima a respeito da pesquisa de Heath (1982) corrobora o que Street (2003, p. 78) menciona sobre práticas de letramento. “O conceito de práticas de letramento [...] não aponta somente para os modelos de atividades em torno dos eventos de letramento, mas o liga a algo mais amplo com uma diversidade cultural e social”. (Tradução minha).²

¹ is a social practice, not simply a technical and neutral skill; that it is always embedded in socially constructed epistemological principles [...] Literacy practices, then, refer to the broader cultural conception of particular ways of thinking about and doing reading and writing in cultural contexts.

² The concept of literacy practices in these and other contexts not only attempts to handle the events and the patterns of activity around literacy events, but to link them to something broader of a cultural and social kind.

A pesquisa de Heath (1982) aponta para um modelo de letramento que Street (2003) denomina de modelo ideológico de letramento. Para Street (2003) o modelo de letramento ideológico está ligado ao conhecimento adquirido pelas pessoas na vivência em suas comunidades. As experiências de leitura e escrita dos indivíduos estão arraigadas ao modo de ser, à identidade e aos conhecimentos de cada um e como esses indivíduos foram expostos a essas práticas no meio em que vivem.

Logo, o modelo de letramento ideológico difere do letramento oferecido nas escolas, sendo este denominado por Street (2003) modelo de letramento autônomo. As escolas impõem um modelo de leitura e de escrita que é seguido pelos indivíduos. Não somente no que diz respeito à metodologia empregada, mas também ao tipo de material e conteúdo oferecido, já que este material pouco tem a ver com a realidade cotidiana dos alunos. Segundo o autor, essa prática afeta as possibilidades de escolha dos indivíduos inseridos nesse contexto a ponto de estes seguirem os ideais de uma sociedade dominante.³ A concepção de letramento mencionada anteriormente “pressupõe que há apenas uma maneira de o letramento ser desenvolvido, sendo que essa forma está associada quase que causalmente com o progresso, a civilização, a mobilidade social.” (KLEIMAN, 1995, p. 21). Neste artigo, proponho a concepção de Kleiman (2007, p. 4), a qual sugere que “os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem”.

Nesse sentido, a utilização do computador, do celular e de outros meios digitais é entendida como práticas de letramento. Por isso, trago na seção seguinte o tema letramento digital para discussão, mantendo como *link* a proposta de letramento como um conjunto de práticas sociais de leitura e escrita situadas em um determinado contexto.

3. Um olhar para o letramento digital

Como foi discutido até o momento, o letramento não é um conjunto único de práticas sociais, pois há modos diferentes de lidar com a leitura e a escrita, dependendo do contexto onde elas se inserem. Street (2003) menciona o termo “letramentos múltiplos” e Kleiman (2007, p. 4) “múltiplos letramentos da vida social”. No mesmo sentido, Barton e Hamilton (1998, p. 9) pontuam o seguinte:

Olhando os diferentes eventos de letramento fica claro que o letramento não é o mesmo em todos os contextos; antes há letramentos diferentes. A noção de letramentos diferentes têm vários sentidos: por exemplo, as práticas que envolvem diferentes mídias ou sistemas simbólicos, tais como um filme ou computador, podem ser consideradas como letramentos diferentes [...]. (Tradução minha).⁴

Dentro dessa perspectiva, Rojo (2009), em sua pesquisa, aponta para denominações específicas do emprego de letramentos múltiplos: “letramento escolar, jurídico, acadêmico, literário, burocrático” (p. 11). Seguindo esse raciocínio, inicio uma discussão sobre o conceito de letramento digital e a seguir amplo para uma perspectiva escolar do tema.

No Brasil a discussão do tema letramento digital ganhou força no ano 2000 quando surgiu o Programa Sociedade da Informação (SocInfo), criado pelo Ministério da Ciência e

³ A respeito do discurso ideológico, discurso primário e discurso secundário cf. Gee (2005).

⁴ Looking at different literacy events it is clear that literacy is not the same in all contexts; rather, there are different literacies. The notion of different literacies has several senses: for example, practices which involve different media or symbolic systems, such as a film or computer, can be regarded as different literacies [...].

Tecnologia. Naquele momento foi elaborado um documento, chamado Livro Verde⁵, que reunia diretrizes as quais pudessem tornar o país competitivo e incluíssem a população nas tecnologias de informação e comunicação. Neste documento, o tema letramento digital foi apresentado como sendo uma habilidade que pudesse ser transmitida, apontando, inicialmente, para uma perspectiva individual do letramento, como visto na seção anterior. Segundo Buzato (2006), o tema letramento digital foi tratado no documento como “alfabetização digital” e apresentava o seguinte conceito:

a aquisição de habilidades básicas para o uso de computadores e da Internet, mas também que capacite as pessoas para a utilização dessas mídias em favor dos interesses e necessidades individuais e comunitários, com responsabilidade e senso de cidadania (TAKAHASHI, 2000, p. 31 apud BUZATO, 2006, p. 6).

Na concepção de Buzato (2006), o termo “alfabetização digital” poderia ser definido como letramento digital, já que, em primeiro lugar, uma pessoa que não sabe usar as interfaces do computador não pode ser chamada de analfabeta, visto que ela pode estar alfabetizada no sentido tradicional da palavra e, em segundo lugar, espera-se que o cidadão, o aluno, o professor pratiquem o uso da tecnologia socialmente e que dominem os gêneros do discurso eletrônico.

A respeito dos gêneros virtuais, aproximo-me de Marcuschi (2004) o qual lembra que um dos aspectos essenciais e centrais da tecnologia é depender da escrita. O estudo do autor aponta para a interação síncrona, onde a produção escrita é realizada em tempo real entre os participantes do evento no qual estão atuando, e assíncrona, caracterizada por um lapso temporal entre produção e recepção das mensagens entre os participantes. Dessa forma, o autor elencou 11 gêneros do discurso eletrônico que utilizam a comunicação escrita como meio de interação e entre eles, os que mais desempenham um papel interativo seriam o *e-mail*, *chat*, lista de discussão, aulas virtuais, vídeo conferência, etc.

Do ponto de vista da linguagem, esses gêneros virtuais estão sendo construídos sócio-historicamente nas diversas esferas da atividade humana já que o modo de interação entre os participantes se dá no lazer, no trabalho, em casa, na família e praticamente em todos os setores da sociedade.

Assim, Buzato (2006, p. 7) menciona os letramentos digitais, com o intuito de englobar a palavra letramento em suas diversas esferas, já que ela vem sendo empregada no plural:

Letramentos digitais (LDs) são conjuntos de letramentos (práticas sociais) que se apóiam, entrelaçam, e apropriam mútua e continuamente por meio de dispositivos digitais para finalidades específicas, tanto em contextos socioculturais geograficamente e temporalmente limitados, quanto naqueles construídos pela interação mediada eletronicamente.

Do ponto de vista de Coscarelli (2007, p. 9), “Letramento digital é o nome que damos [...] à ampliação do leque de possibilidades de contato com a escrita também em ambiente digital (tanto para ler quanto para escrever).”

Segundo a autora, as tecnologias da informação e comunicação vêm, aos poucos, trazendo mudanças, às vezes profundas, no trabalho, família, lazer, escola entre outras esferas.

⁵ De acordo com Buzato (2006) o documento foi organizado por Tadao Takahashi e tem como diretrizes “integrar, coordenar e fomentar ações para a utilização de tecnologias de informação e comunicação, de forma a contribuir para a inclusão social de todos os brasileiros na nova sociedade e, ao mesmo tempo, contribuir para que a economia do País tenha condições de competir no mercado global”. (BUZATO, 2006, p. 6).

Quanto a essas mudanças, observa-se que, até bem pouco tempo atrás, o domínio de separar sílabas para alinhar textos era uma habilidade necessária. Hoje o indivíduo não precisa mais se preocupar com isso, pois o computador já faz de maneira automatizada. Se antes era preciso escrever legível, com letra bonita, hoje é preciso saber digitar. Para a autora, ainda não houve a troca do lápis e a caneta pelo teclado, mas isto está bem perto. (COSCARRELLI, 2007).

Mercado (2002) também aponta para o fato de a sociedade estar passando por grandes mudanças devido às tecnologias da informação e comunicação, as quais exigem um profissional “crítico, criativo, com capacidade de pensar, de aprender a aprender, de trabalhar em grupo e de se conhecer como indivíduo”. (p. 12-13). O autor também aponta para a escola como uma das agências de letramento digital expondo que “às escolas cabe a introdução das novas tecnologias de comunicação e conduzir o processo de mudança da atuação do professor”. (p. 14).

Coscarelli (2007, p. 27) também entende que “a informática precisa entrar na escola porque ela pode ser um recurso que pode ajudar a minimizar a exclusão de muitos sujeitos já excluídos em muitas outras situações”.

No mesmo sentido, Marques (2006) sugere que a escola não pode colocar-se à margem das mudanças socioculturais que surgem a cada instante com o advento das tecnologias da informação. “As novas tecnologias da informação [...] significam para a educação escolar, [...] desafios outros que se imprimem às distintas articulações de linguagens, ao mundo, à sociedade, à cultura [...]”. (MARQUES, 2006, p. 19).

Por tudo isso, Mercado (2002) salienta que todas as esferas - da escola, da universidade, do trabalho, do lazer, de casa etc. - esperam por uma educação escolar que propicie aos jovens interpretar uma quantidade cada vez maior de informações, já que o advento dos meios informatizados trouxe ao alcance de grande parte da população as facilidades que o mundo globalizado oferece para aquisição de bens de consumo como também de conhecimento.

4. Observando um contexto local

Nesta seção pretendo trazer para discussão dados parciais de uma pesquisa qualitativa-interpretativa, (BOGDAN e BIKLEN, 1994); (BAUER e GASKELL, 2002), em desenvolvimento no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/ME) da Universidade Regional de Blumenau (FURB), com a intenção de problematizar o que foi dito nas seções anteriores. Os dados provêm de uma entrevista individual semiestruturada (de uma série de oito efetuadas e gravadas em áudio) realizada com alunos da 1ª série do ensino médio de uma escola, localizada no interior do município de Massaranduba, Santa Catarina. O sujeito em questão é do gênero feminino e está com 15 anos. Para a transcrição da entrevista segui as convenções sugeridas por Marcuschi (1986) com algumas adaptações⁶ e nos excertos aqui

⁶ MAIUSCULA: sílaba ou palavra fortemente pronunciada

:: alongamento da vogal

[sobreposição de vozes

(+) pausas

(()) comentários ou descrições do analista

/.../ indicação de transcrição parcial ou de eliminação

{xxx} tradução para o português dos turnos em que ocorre trechos com *code switching*, em itálico

” para uma subida rápida de entoação (corresponde mais ou menos ao ponto de interrogação)

’ para uma subida leve (algo como uma vírgula ou ponto-e-vírgula)

- - - pronúncia silabada

transcritos utilizo o modo itálico.

A pesquisa, ainda em andamento, tem como objetivo geral compreender quais os sentidos de práticas de letramento digital para alunos de ensino médio. Como objetivos específicos pretendo, com este estudo, descrever eventos de letramento digital dos quais os alunos participam; analisar a inserção de alunos em práticas de letramento digital no espaço escolar e analisar os ecos do letramento digital em outras esferas.

Em uma análise inicial, quando perguntado ao sujeito *o que vem a sua cabeça quando você ouve mundo digital' informática' computador' com que você associa*", o sujeito menciona: *eu associo com tudo que eu preciso' tudo que eu preciso no caso assim' matéria' de mmh esporte educação' tudo que tu precisa hoje em dia tu encontra no mundo digital /.../*. Depreende-se que este sujeito está tentando imergir, ou está em parte imerso, no mundo digital enquanto prática social, já que o pronome indefinido *tudo* revela um universo muito amplo de atividades, sejam estas escolares ou não.

Para Bakhtin (2006, p. 30) "todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades."⁷. Nesse sentido, a palavra *tudo* tem como signo, uma gama muito grande de significados, pois pode estar associada à vida pessoal, religiosa, escolar, familiar, esportiva ou outras esferas das quais o sujeito está inserido. Quanto ao que diz Buzato (2009, p. 13) "a globalização [...] é [...] descrita como uma onda [...] do mundo via consumo", a palavra *tudo* remete ao mundo globalizado, onde a facilidade de contato com outras pessoas, seja via celular ou computador, ficou ao alcance de grande parte da população. Como exemplo pode-se citar a globalização que abriu as portas para o comércio em grande escala, já que hoje se pode fazer compras via internet como se estivesse em um *shopping*. Este fator trouxe grande mobilidade mesmo para quem está longe de grandes centros urbanos, como é o caso do sujeito em questão. Para Bauman (2008, p. 19) "os potenciais objetos de consumo tendem a se tornar as principais unidades na rede peculiar de interações humanas".

Diante desse movimento global de expectativas, mudanças e inovações constantes, os meios digitais assumem um papel de conquistas, de conhecimentos, de aquisições por parte das pessoas. As novidades tecnológicas são tantas e em mudança tão grande que há uma necessidade constante de inovar, de estar conectado, um cuidado de não ficar para trás. Do ponto de vista de Lévy (2004, p. 34):

Há toda uma dimensão estética ou artística na concepção das máquinas ou dos programas, aquela que suscita o envolvimento emocional, estimula o desejo de explorar novos territórios existenciais e cognitivos, conecta o computador a movimentos culturais, revoltas, sonhos.

Em outro excerto a visão do sujeito é a seguinte: *todo ano muda que nem a câmera digital' todo ano tem uma mais bonita' computador todo ano tem mais um' (+)*. De acordo com Bauman (2008, p. 31):

nos mercados de consumidores-mercadorias, a necessidade de substituir objetos de consumo "defasados", [...] plenamente satisfatórios e/ou não mais desejados está inscrita no design dos produtos e nas campanhas publicitárias calculadas para o crescimento constante das vendas (grifo do autor).

⁷ De acordo com Bakhtin (2006) podem ser tratados como signos os instrumentos utilizados pelo homem, qualquer produto de consumo e os objetos naturais. "Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc." (p. 30).

Em um movimento de compreensão do que é o mundo digital⁸ para o sujeito ele responde dessa forma: *em casa eu utilizo o:: computador ou o mundo digital pra varias coisas né” tipo se eu tô:: trabalhando numa coisa naquela:: vamos supor uma maquina:: aquela maquina utilizou’ um modo digital né” no caso a energia uma coisa assim’ o computador também’ qualquer coisa que eu digito ((incompreensível)) ta incluída no mundo digital também’ em casa no celular nas coisas’ tudo inclui o mundo digital né”*

Frente ao excerto acima, uma das interpretações possíveis no dizer do sujeito é que ele mescla ideias sobre tecnologia⁹ e mundo digital, mas não consegue formular uma definição, porém ele tem noção de que a própria energia elétrica que utiliza faz parte da tecnologia, assim como outros equipamentos digitais que ele menciona como o computador e o celular. Nesse sentido, Lévy (2004) aponta para o termo “novas tecnologias intelectuais” (p. 5), referindo-se ao uso dos programas utilizados nas tecnologias da informação que, no seu ponto de vista, “reorganizam, de uma forma ou de outra, a visão de mundo de seus usuários e modificam seus reflexos mentais. (p. 33). Tanto que o sujeito, mais adiante, menciona: *hoje:: em dia tu não vive sem um computador’ sem um celular’ sem uma câmera digital’ mas antigamente as pessoas viviam né” daí:: mas hoje só atualizou mais a vida ainda né” /.../ se acabar isso:: vai ser complicado voltar ((risos)) como era antes.*

Premsky (2001) utiliza a denominação “nativos digitais” ao se referir a pessoas que nasceram nas últimas décadas do século XX e por viverem na era digital, considera-os falantes nativos da linguagem dos computadores, jogos e internet. Para as pessoas que passaram a incorporar esses hábitos e usos no seu dia-a-dia, o autor denomina “imigrantes digitais”. A resposta do sujeito aponta para uma naturalização¹⁰ do uso das tecnologias mencionadas, e ele não consegue imaginar o mundo sem os meios digitais.

Os alunos de hoje – do maternal à faculdade – representam as primeiras gerações que cresceram com esta nova tecnologia. Eles passaram a vida inteira cercados e usando computadores, vídeo games, tocadores de música digitais, câmeras de vídeo, telefones celulares, e todos os outros brinquedos e ferramentas da era digital (PRENSKY, 2001, p. 1).

Em um outro momento da entrevista, ao perguntar para o sujeito *you lembra quando you teve contato pela primeira vez com esses meios assim’ tipo computador’ a maquina fotografica’ o celular” /.../* ele responde que *primeiro não tinha computador em casa’ dai agora que:: comecei’ 4 anos atrás comecei mexer na escola e coisa que fiz curso tudo’ /.../ o celular uso todo dia’ quase todo dia que eu tô em casa’ câmera digital assim’ direto’ os finais de semana.* E quando lhe é perguntado onde ele troca informações a respeito do mundo digital ele responde que é na escola: *mais foi na escola né” porque:: todo mundo tá junto ai um diz ah aumentou esse programa’ ((incompreensível)) saiu isso’ saiu aquilo’ assim’ ai eu aprendi mais foi na escola’ todo mundo falando assim todo mundo (+).* Ao perguntar com quem ele troca essas informações o sujeito diz o seguinte: *quando nós estamos fazendo um trabalho’ ah eu fiz desse jeito tal’ daí ela chega e diz’ ah eu fiz desse’ tenta mudar pro teu também mudar’ daí eu mudo do jeito dela e ela muda do meu jeito’ assim a gente compartilha ideias.*

⁸ Segundo Chartier (2002, p. 23-24) o “mundo digital” seriam as formas de leitura e escrita que não mais utilizam a maneira impressa e sim a tela.

⁹ Refiro-me aqui ao que Lévy (2004) chama de “técnica” e que são utilizadas pelos seres humanos como “animais, plantas, leveduras, pigmentos, montanhas, rios, correntes marinhas, vento, carvão, elétrons, máquinas, etc.” (p. 8).

¹⁰ O emprego do termo naturalização neste artigo não está vinculado a uma teoria específica. Seu uso remete à ideia da tecnologia como algo já incorporado à vida cotidiana do sujeito em questão, sem que seja questionada essa inserção.

Do ponto de vista interacional da linguagem, “a enunciação é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados” (BAKHTIN, 2006, p. 114). No excerto observado, depreende-se que o sujeito troca, compartilha ideias com sua colega a fim de aprimorar seus conhecimentos acerca do mundo digital principalmente na escola, ao fazer trabalhos escolares, no contato com os colegas que trocam informações para melhorar suas atividades. É nessa interação com os colegas de aula que parece haver um espaço solidário, onde cada aluno ajuda seu colega sem pretender uma hierarquia e se colocar mais conhecedor que o outro, apenas se posicionar como outro sujeito no sentido de parceria. Assim, entende-se que esses sujeitos na interação constroem sentidos para as práticas de letramento digital das quais participam. No mesmo sentido, o viés enunciativo do círculo de Bakhtin sinaliza que:

A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade lingüística. (BAKHTIN, 2006, p. 124).

Nesse sentido, a troca de informações entre os educandos é uma forma de eles se manterem informados sobre as mudanças que ocorrem no mundo digital. E é nessa interação que os alunos sentem-se inseridos em uma sociedade em constante transformação, como visto anteriormente.

5. Algumas reflexões

Com o estudo que realizei até o momento nesta pesquisa de mestrado, trago para refletir com o leitor alguns aspectos apontados neste artigo os quais talvez possam ser úteis em estudos futuros e na continuidade deste.

Inicialmente gostaria de lembrar que Coscarelli (2007), Buzato (2006), Marques (2006) e Mercado (2002) mencionam haver importância na inserção do letramento digital nas escolas. A escola, uma das mais importantes agências de letramento, de acordo com Kleiman (1995), coloca-se na situação de oferecer mecanismos para inserção dos alunos em práticas de letramento digital por meio do uso das tecnologias, em conformidade com o que sustenta o Livro Verde, do Ministério da Ciência e Tecnologia, que propõe aos cidadãos inserção ao mundo digital via escola.

Neste sentido, nos excertos da entrevista apresentados anteriormente, o sujeito vê no letramento digital uma maneira de estar inserido na sociedade. Em sua visão de mundo ele não consegue viver sem a comodidade, o conforto e a rapidez na troca de informações que o mundo digital oferece.

Outro fator observado foi como este sujeito participa dos eventos de letramento digital e um fato que chamou a atenção foi o espaço escolar. Apesar de não ser o único espaço de inserção ao letramento digital que o sujeito menciona, a escola parece ter um papel importante para ele, pois é na escola que o sujeito menciona trocar informações com os colegas de aula sobre os trabalhos escolares que supostamente foram solicitados por algum professor.

Finalmente, os dados coletados com a entrevista apontaram também que o sujeito não tem a escola como única agência de letramento. As tecnologias e o mundo digital estão presentes em outras esferas, outros espaços desse sujeito como escola de informática, a casa e o lazer os quais também foram mencionados, mostrando que o letramento digital faz parte da vida cotidiana desse sujeito da pesquisa.

Sendo assim, o presente artigo deixa em aberto questões como: a escola e os profissionais que atuam nela facilitam a inserção de práticas de letramento digital? A escola possui recursos suficientes para a inserção dessas práticas? Alguma disciplina do currículo escolar trabalha questões, debate ou alerta os alunos sobre o uso de tecnologia da informação e comunicação? O uso dessas tecnologias realmente facilita a vida das pessoas? Será mesmo tão difícil viver sem as tecnologias? O ser humano caminha para uma escravização do uso das tecnologias? Essas e outras perguntas que surgirem talvez nem possam ser respondidas. Talvez haja a necessidade de se esperar pelo acontecimento dos fatos, no entanto elas instigam a imaginação e podem abrir caminho para novas intenções de pesquisa. O que parece claro é que a escola não pode ficar fora desse debate.

Referências

- BAKHTIN, M. M.. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. *Local literacies: reading and writing in one community*. London and New York: Routledge, 1998.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. (Org.). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BUZATO, M. Letramentos Digitais e formação de professores. São Paulo: *Portal Educare*. 2006. Disponível em:
<http://www.educarede.org.br/educa/img_conteudo/marcelobuzato.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2010.
- _____. Letramento e inclusão: do estado-nação à era das TIC, *D.E.L.T.A.*, v. 25, n. 1, p. 01-38, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502009000100001&script=sci_arttext&tlng=ES. Acesso em: 08 jun. 2010.
- CHARTIER, R. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Unesp, 2002. 123 p. Tradução: Fulvia M. L. Moretto.
- COSCARELLI, C. V. Alfabetização e Letramento Digital. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, A. E. *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 2. ed. Belo Horizonte : UFMG, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita : Autêntica, 2007.
- GEE, J. P. *La ideología en los Discursos: lingüística social y alfabetizaciones*. Tradução do castelhano de Pablo Manzano. Madri: Ediciones Morata, 2005.
- HEATH, S. B. *What no bedtime story means: narrative skills at home and school*. *Language and Society*, v. 11, p. 49-76, 1982. (In: WRAY, David (org.). *Literacy: major themes in education*. Taylor e Francis, 2004.
- KLEIMAN, Â. B. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. *Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 32, n 53, dez 2007. Disponível em:
<http://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242/196>. Acesso em: 16 jul. 2010.
- _____. (Org.). *Os significados do letramento*. Campinas, S. P.: Mercado de Letras, 1995.
- LÉVY, P.. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. 13. ed. São Paulo: 34, 2004.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: *Hipertexto e Gêneros Digitais*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- _____. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina

- MARQUES, M. O. *A Escola no Computador: Linguagens Rearticuladas, Educação outra*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2006.
- MERCADO, L. P. L. Formação Docente e Novas Tecnologia. In: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. (org.). *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002.
- PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, Lincoln, v. 9, n. 5, Out. 2001. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/9799/Prensky-Digital-Natives-Digital-Immigrants-Part1>>. Acesso em: 08 jul. 2010.
- ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2009.
- STREET, B. *What's "new" on New Literacy Studies? Critical approaches to literacy in theory and practice*. *Current Issues in Comparative Education*, 5 (2), p. 1-14, 2003.